

RESUMO

Este artigo discute sobre a trajetória de vida e formação de uma paraense pós-graduanda entrelaçada com a literatura acadêmica apresentada pela disciplina *História e Memória da Profissão Docente* ministrada pelo professor Dr. Guilherme Prado em plataforma virtual Google Meet por meio de encontros semanais. Objetivou-se refletir sobre a trajetória sócio-histórica da formação de professores no Brasil com ênfase nos sujeitos, processos e instituições educativas, destacando os desafios colocados pela política educacional contemporânea. Este escrito é um dos frutos desta disciplina que intenciona colocar o conhecimento em movimento a partir das histórias pessoais e profissionais tanto dos/as professores/as envolvidos/as no curso, quanto de histórias de vidas de professores/as registradas e publicadas em diferentes obras.

Palavras-chave: Trajetória de vida. Formação de professores/as. Desafios.

ABSTRACT

This article discusses the life trajectory and formation of a postgraduate student from Pará intertwined with the academic literature presented by the discipline History and Memory of the Teaching Profession taught by Professor Dr. Guilherme Prado on a Google Meet virtual platform through weekly meetings. The objective was to reflect on the socio-historical trajectory of teacher education in Brazil with an emphasis on subjects, processes and educational institutions, highlighting the challenges posed by contemporary educational policy. This writing is one of the results of this discipline that intends to put knowledge in motion from the personal and professional stories of both the teachers involved in the course, as well as the stories of teachers' lives recorded and published in different works.

Keywords: Life history. Teacher formation. Challenges.

Disciplina cursada: História e Memória da Profissão Docente

Um pouco de mim e de meu lugar...

Meu nome é Odília Cardoso, sou de Belém do Pará, cidade morena, terra das mangueiras, da chuva pontual das quatorze horas, localizada ao extremo nordeste da maior floresta tropical do mundo, nossa querida Amazônia. Minha história de formação se energizou aos doze anos de idade

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Unicamp, FE, Brasil.

² Livre-Docente em Saberes e Conhecimentos docentes pela Unicamp, FE, Brasil.

³ Livre-Docente em Formação de Professores pela Unicamp, FE, Brasil.

quando minha tia decidiu convidar a mim e a minha mãe para morarmos com ela e meu tio quando a ouvir dizer *vamos garantir o futuro dessa menina mana*. Minhas mães, tia, mãe e avó, sempre estiveram presentes em minha vida como figuras fundamentais formadoras e transformadoras em todas as fases da minha vida. Seja na infância *eu estive lá, segurei a mão da sua mãe, te vi nascer e te acompanho desde então*. Seja na adolescência, *estude minha filha, dê o seu melhor e seja a melhor que puder* me repetia minha tia algumas vezes quando a chuva da tarde era mais forte que a minha vontade de estudar.

Seja na fase adulta, *o melhor marido que você pode ter é a sua profissão minha filha*, dizia a minha avó e ainda *você precisa amar o que faz, precisa escolher algo que te faça feliz porque fará parte da sua vida pelo menos nos próximos 30 anos que virão* me orientou minha mãe sobre a escolha da minha profissão. Assim foi-se costurando a minha colcha de formação que tal como no filme *How to make na American kilt*, foi composta de conselhos que herdei, de histórias que ouvi, de vozes de experiência que conversavam comigo, que nem sempre em harmonia, mas sempre presentes, davam equilíbrio a minha vida, numa *multiplicidade de remendos* que foram meus alicerces, que juntos são partes de mim, *onde reside o amor* de cada uma de minhas mães.

A formação de minhas raízes

Fui criada assim, com mulheres fortes que sempre me inspiraram a ser a minha melhor versão a cada dia. Apesar de nunca ter passado da terceira série do ensino fundamental, minha avó, Dona Maria do Carmo, orientou e ajudou a formar seus sete filhos ora cuidando de seus filhos em momentos de necessária ausência ora ajudando com os recursos que tinha disponível. Cada um foi livre para escolher seu curso e próprio caminho após os estudos. Alguns optaram por ingressar na universidade, outros pelo trabalho, mas todos tiveram liberdade de escolha. Ambas formadas em pedagogia, minha mãe, Odila Cardoso, e minha tia, Alice Cardoso, se especializaram em Educação juntas atuando em diversas escolas no interior do Pará. Cresci as ouvindo narrar sobre tudo referente à profissão docente e sobre a vida.

Idas e vindas necessárias

Viajavam a trabalho na segunda feira de madrugada e retornavam na sexta a noite para casa já que era muito dispendioso ir e voltar todos os dias senão impossível uma vez que seus salários teriam que ser consumidos em transporte para essa tarefa. Essas idas e vindas sempre foram regadas a muito choro da minha parte, em ter que ficar longe delas, na cidade, para estudar. Eu morava inicialmente com a minha avó e posteriormente com o meu tio que batizei de mãe número quatro pelo seu imenso papel de formação em minha vida assim como o de minhas mães. Como trabalhavam nos interiores seja em Concórdia do Pará, seja em Bujaru durante a semana, nos fins de semana, eu as tinha de volta.

Retornavam para casa cheias de experiências novas e desafios que precisavam ser narrados, refletidos e discutidos para que juntas pudessem alcançar soluções para lidar com o que fosse necessário na semana seguinte como afirma Passeggi (2016, p.83) “os professores que tiveram a possibilidade de refletir sobre a docência com seus pares, são mais suscetíveis de responder a situações difíceis e/ou imprevistas com maior segurança por ter aprendido a melhor se compreender em situações de risco e a sair delas”. Estas mulheres, que dialogam, que têm jogo de

cintura na solução de imprevistos, e que também são mães e professoras de sala de aula e de vida, são sujeitas biográficas⁴ que “se constituem, portanto, não somente pelas e nas práticas cotidianas imediatas, mas também por todas as histórias que as atravessaram” (LOURO, 2004, p.477-478) que as tornam quem são hoje e que me atravessam como filha, amiga e também professora.

Minha sala de aula

Sábado e domingo, era o tempo que tinham para que isto acontecesse e eu, sentava com elas na mesa da cozinha, que virava local de debate, com paredes em tons de bege, com uma mesa redonda de mármore escuro, fria ao toque, mas quente em diálogos, que pelo próprio formato já inspirava conversa no calor típico da região entremeado de forte chuva da tarde. Por muitos anos esta foi a minha sala de aula particular. Eu as ouvia, as observava com atenção e as vezes participava. Estes anos de convivência e aprendizado, ouvindo suas experiências semanais, foram cruciais para despertar em mim o desejo e interesse pela minha profissão, mesmo que no fundo me desejasse o curso de direito, afinal *vida de professora não é fácil minha filha* como diziam ambas. O desejo de ensinar já crescia dentro de mim partindo da curiosidade e da grande paixão que observava que emanava delas. Paixão que se transformou em amor e me fez seguir minha vida nesse relacionamento sério entre mim e a minha profissão de professora de Língua Inglesa.

Formação, transformação, amadurecimento

Aprovada na Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa iniciei minha jornada acadêmica na primeira turma desta licenciatura em 2006. Amei cada segundo das disciplinas pedagógicas e de prática de ensino. O ensino da Língua Inglesa sempre me pareceu natural e predestinado. Minha graduação iniciou e finalizou me deixando interessada em aprender mais. Então segui meus estudos na especialização, o que me levou a oportunidade de participar pela primeira vez de concursos públicos para minha área de atuação. A partir daí, trabalhei seis anos em escolas públicas municipais e estaduais e amadureci tanto pessoalmente quanto profissionalmente ao lidar com questões que iam além do que havia me preparado.

Questões que nem sonhamos em encontrar quando estamos em formação inicial como acordar às quatro da manhã para pegar o transporte à escola, que pode ser um ônibus confortável ou um pau-de-arara. Pilotar uma moto, pegar uma rabeta⁵, caminhar quilômetros ao local de trabalho, lidar com crianças que foram/são maltratadas em casa, que tem necessidades de aprendizagem específicas e que acabam sendo excluídas e ignoradas pelas próprias famílias por causa dessas necessidades como bem retrata o filme *Carregadoras de Sonhos*, esta realidade que foi minha por um tempo e que é a vida toda de tantos outros professores e professoras que se fazem presentes mesmo diante de adversidades para que *as crianças não deixem de sonhar* como nos bem lembra Rose ou Pro Rose, como é carinhosamente chamada por seus alunos no filme em questão.

⁴ Neste momento faço referência aos *sujeitos biográficos* de Passeggi (2016) que no contexto da escrita me evocou ao gênero feminino.

⁵ Embarcação fluvial de pequeno porte a motor conhecida no Pará como rabeta e/ou catraia.

Ao ter contato com os escritos de Saviani (2009) sobre a formação de professores na Educação Especial me recordei de um momento crucial em minha formação. No primeiro ano trabalhando em escola pública, tive minha primeira experiência de ensino com uma aluna especial do sexto ano do ensino fundamental. Quando entrei em sala não havia sido previamente informada que havia uma aluna especial em minha turma e apesar de ter sido muito bem preparada na graduação e especialização, eu não tinha tido acesso à LIBRAS no currículo de nenhuma formação que havia concluído. Então lá estava ela. Uma menina com olhar gentil que parecia envergonhada de si, pela minha falha, por eu não conseguir me comunicar com ela. Seus colegas de turma nos apresentaram do seu jeito e eu segui com a aula neste dia envergonhada por ser formada e não conseguir lhe dar a devida atenção.

Após a aula, eu senti que precisava tomar “uma atitude que diz respeito a um aspecto fundamental da prática docente, que é a maneira pela qual se lida com a diversidade em sala de aula” (VIDAL e VICENTINI, 2019, p. 178) e então me dirigi à coordenação da escola para tentar contemplar melhor a aluna que precisava de mim e saber se havia algum intérprete ou profissional da área disponível para me auxiliar e felizmente havia. Então entrei em contato, marquei uma hora e lhe pedi para comparecer às minhas aulas para me ajudar na comunicação em LIBRAS enquanto eu ensinaria seu equivalente em *American Sign of Language* (ASL). Risos e um tom de descrença da intérprete fizeram parte dessa conversa, mas no dia solicitado ela compareceu à aula.

Iniciei minha aula como sempre faço, com um aquecimento, só que desta vez, após a madrugada estudando, por entender que cada aluno é um universo único com necessidades diferenciadas, apresentei com imagens, texto e seus respectivos sinais em ASL na tentativa de alcançar a turma como um todo. Fazendo com que tanto a aluna especial quanto a turma aprendessem juntos os sinais de forma descontraída envolvendo fala, sinais e imagens isto porque “fica a cargo do professor assegurar a aprendizagem de todos, mas sem deixar de atentar para o desenvolvimento do conjunto do grupo” (VIDAL e VICENTINI, 2019, p. 178).

Qualquer falta de comunicação em LIBRAS entre nós era resolvida pela intérprete que se fez presente e participativa em todas as aulas que seguiram. A partir daí aprendemos palavras, construímos frases, parágrafos e praticamos conversas, além de ofertar testes diferenciados que atendessem às necessidades da aluna. Confesso que esta não foi uma tarefa fácil, mas graças as minhas raízes, a forma como fui criada e nutrida pelas minhas mães pedagogas, à minha formação acadêmica, me possibilitaram reagir intuitivamente a fazer o certo e o certo nesta ocasião era ser a melhor professora que eu poderia ser diante das adversidades.

Nem preciso dizer o quanto essa experiência foi prazerosa e significativa para mim, mas foi preciso dedicação nos fins de semana em sites de sinais, fazendo mini cursos *online* em ASL, lendo estratégias de ensino, aprendendo sinais para ensinar, um aprendizado contínuo que foi despertado pelos motivos errados quando no primeiro encontro perguntei a intérprete se poderia me ajudar e ela me respondeu “você não vai conseguir, todos os outros passam cópia como estudo e avaliação, sugiro que faça o mesmo” mas mantido no decorrer do ano em prol da educação.

Apesar de minha formação inicial não ter me fornecido o conhecimento específico em LIBRAS, me ensinou, em disciplinas didático-pedagógicas, a ver meus alunos como seres humanos sensíveis que têm necessidades específicas que precisam ser atendidas. Assim como Saviani (2009, p.11) acredito que a resposta se inicia em “instituir um espaço específico para cuidar da formação de professores para essa modalidade de ensino” para iniciar assim uma reconstrução na trajetória da formação de professores no Brasil encarando a Educação Especial como fundamental na formação inicial e continuada de professores.

Ao ter acesso aos textos de Saviani (2009) e Vicentini e Lugli (2009) confesso que senti mais uma vez vergonha de mim mesma em ser professora e nunca ter conhecido e estudado sobre o estabelecimento das Escolas Normais, sobre a implantação dos cursos de pedagogia, curso das minhas mães, sobre o qual ouvi por anos na mesa da cozinha, sobre a implantação das licenciaturas, curso de minha escolha e “a aprendizagem dos modos de ensinar as disciplinas escolares, que teve lugar nas universidades” (VICENTINI; LUGLI, 2009, p.29) meu local de trabalho hoje. Sobre os processos de constituição de modelos das formações de professores no Brasil, seus dilemas e do quanto tudo que ocorreu naquela época é ainda refletido hoje.

Ou ainda sobre o Imperador ordenar “um ou dois soldados dos corpos militares das províncias que fossem aprender o método na escola da corte para disseminá-los em seus locais de origem, tarefa que lhes dava direito a uma gratificação” (VICENTINI; LUGLI, 2009, p.29) me fez lembrar de formações que eu e minhas mães participamos em outros municípios nos quais devíamos ir para ouvir e anotar sem questionar, e na volta desempenhar, assim como os soldados, o papel de disseminadoras e tudo isso diante do recebimento de diárias e gratificações para que não houvessem reclamações futuras.

Nesta leitura senti vários pontos de regressão que vivemos atualmente, como também ressalta a autora sobre as políticas conservadoras, que “um grande estrondo interrompeu nossa trajetória” (OLIVEIRA, 2020, p. 4) e nos faz regressar desde então. A sensação é de viver como no tempo do regime militar “exprimindo as formas mais arcaicas de preconceito e de opressão” (OLIVEIRA, 2020, p.4) no qual somos culpados e responsabilizados pelo desempenho negativo de alunos, devemos temer para respeitar, alcançar metas absurdas que serão fiscalizadas pelas auditorias programadas e constantemente reformuladas que fazem uso de “ferramentas menos visíveis de controle, tais como o medo, os constrangimentos, a humilhação” (OLIVEIRA, 2020, p. 12).

Novo ciclo, novas possibilidades

Apesar desses pontos de regressão, retornando a tempos mais simples e gratificantes, em janeiro de 2014 fui convidada a participar como professora colaboradora do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR pela UFPA campus – Belém-PA. Este novo ciclo me possibilitou me aproximar mais de professores e futuros professores de Língua Inglesa que assim como eu enfrentavam diariamente situações com as quais não sabiam lidar, que iam além do preparo recebido na graduação. Estar e pensar com eles, refletir e sugerir juntos, foi mais um grande passo dado rumo a pessoa e a profissional em constante formação que sou hoje. Este contato, em modo intensivo, me fez perceber o meu papel na escola, na universidade, na vida e me impulsionou a mais uma vez querer e contribuir na formação desses profissionais.

Este querer me levou a ser aprovada na UFPA campus - Altamira a partir de janeiro de 2016, desta vez como professora efetiva. Significou a realização de um sonho e me possibilitou novas experiências. A continuação deste sonho se deu ao ingressar no ano seguinte na Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia para o mestrado. Este programa me oportunizou repensar o que são saberes e como são interligados com a experiência e, que importância têm para os sujeitos que os constroem e assim tive a oportunidade de mais uma vez repensar a minha própria formação. Esta experiência única me despertou ainda mais para uma maior sensibilidade acadêmica, me possibilitando interpretar fenômenos junto aos sujeitos

envolvidos, junto a “pessoas que estão comigo, engajadas no processo de conhecer alguma coisa comigo” (FREIRE, 1986, p.105).

Tal experiência me abriu portas que jamais imaginava. Ingressar no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas na modalidade DINTER foi algo que nem nos meus sonhos de verão Shakespearianos mais fantásticos pensei em acontecer. Nunca havia ido tão longe, para alguém que nunca havia saído do Pará. E lá estava eu, organizando minhas malas, entregando a casa alugada, já que não poderia manter duas casas, uma em Campinas e outra no Pará, por menor e mais simples que fossem. E em poucos dias após alguns processos burocráticos para afastamento e uma longa estrada em viagem de carro, estava em Campinas-SP.

O friozinho na chegada logo denunciou a distância do Pará. Barão Geraldo repleta de estudantes que assim como eu estavam vivendo um sonho, perambulavam pelas ruas, pelos supermercados, pela cidade universitária, linda, imensa, cheia de possibilidades. Ia degustando o trajeto de onde estava para a universidade, os três quilômetros mais empolgantes da minha vida, que me levaram às selfies, aos espaços de convivência, às salas de aula, às disciplinas, que nos convidam a refletir coletivamente e a sermos seres humanos melhores nos valendo de narrativas de nós mesmos e de tantos outros que entrelaçados se tornam fontes inesgotáveis de aprendizado e se constituem em família.

Cada disciplina ou melhor cada *encontro*⁶ tem desempenhado papel fundamental no meu processo de formação. E esta disciplina, *História e Memória da profissão docente*, carinhosamente sugerida pela minha orientadora Ana Guedes, tem me possibilitado embarcar numa trajetória histórica de (auto)conhecimento na posição de sujeito biográfico “capaz de conhecer-se, de refletir sobre sua própria natureza, o que o faz humano, em que e porque se diferencia de outros seres ou a eles se assemelha, para daí depreender teorias” (PASSEGGI, 2016, p. 71) e assim conhecer e refletir sobre a formação de professores no Brasil estabelecendo um paralelo com a minha própria trajetória de vida e formação e assim trazendo a tona memórias desde o início da minha jornada até minhas experiências mais recentes em “quadrados” de conversa virtual, como os professores desta disciplina chamam nossos encontros semanais que apesar da distância, nunca estivemos mais próximos uns dos outros neste novo contexto de pandemia que estamos vivendo.

Assim partindo desses retalhos vividos e de algo que também sou “em minhas palavras, ou em minhas ideias, minhas representações, meus sentimentos, projetos e saberes, onde a experiência tem lugar” (LARROSA, 2011, p.6) acredito que seja nessa constante troca de lugares, na prática de entender o outro que conseguiremos nos formar e (trans)formar que “ao narrar nossas experiências tomamos consciência dos papéis, herdados, improvisados, nos cenários da vida [...] assumimos a autoria do nosso texto, de uma história que ainda não existia porque não tinha sido ainda narrada, refletida” (PASSEGGI, 2016, p. 82).

⁶ *Encontro* ao invés de disciplina porque subentende-se a seguinte definição do dicionário 1. ato de encontrar(-se), de chegar um diante do outro ou uns diante de outros. 2. junção de pessoas que se movem em vários sentidos ou se dirigem para o mesmo ponto ao invés de *disciplina* 1. obediência às regras, aos superiores, a regulamentos.

REFERÊNCIAS

CARREGADORAS de sonhos. Direção de Deivison Fiuza. Sergipe: SINTESE e WG produções, 2010. Duração: 68 min.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HOW to make an american quilt. Direção de Jocelyn Moorhouse. Estados Unidos: Amblin Entertainment, 1995. Duração: 109 min.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n.2, p.04-27, julho/dezembro 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI; Mary Del Priore; BASSANEZI, Carla (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, D. A. **Políticas conservadoras no contexto escolar e autonomia docente**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2015335, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>

PASSEGGI, Da Conceição. Maria. **Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico**. Roteiro, v. 41, n. 1, p. 67-86, 23 mar. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009, p. 143-155.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **Como se preparavam os professores para o ensino? As instituições em formação**. In: VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. História da profissão docente no Brasil: representações em disputa. SP: Cortez, 2009, p. 27-66.

VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin. Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo, séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.